

Biblioteca Anarquista



A luta da burguesia contra o anarquismo

Violência e discurso, polícia e literatura

Federação Anarquista Insurreição

Federação Anarquista Insurreição
A luta da burguesia contra o anarquismo
Violência e discurso, polícia e literatura
22 de abril de 2003

<http://brasil.indymedia.org/media/2003/08/261547.pdf>

Em 2003, no Rio de Janeiro, ocorreu o congresso de fundação da Federação Anarquista Insurreição (FAI). No ano seguinte, durante o II Congresso realizado em 2004, a organização foi renomeada como União Popular Anarquista (UNIPA). A UNIPA reuniu militantes do movimento estudantil, sindical e comunitário, incluindo integrantes do coletivo Laboratório de Estudos Libertários (LEL).

bibliotecaanarquista.org

22 de abril de 2003

A luta da burguesia contra o anarquismo, assim como a luta do anarquismo contra a burguesia, assumiu e assume inúmeras formas. Neste texto nós pretendemos apenas indicar duas formas que, ao se combinarem, quiseram ser uma “pá de cal” sobre o anarquismo. Foram os meios encontrados para sepulta-lo. Mas para infelicidade da burguesia e do reformismo, não foram suficientes. O anarquismo, através da militância revolucionária, resiste, e hoje, mais que nunca, tende a avançar.

Queremos falar aqui de duas formas de repressão/combate ao anarquismo, que estão intimamente relacionadas entre si, mas que muitos por desconhecimento, ou por oportunismo, separam: a violência física e a violência simbólica, ou a polícia e a literatura (seja os romances/novelas, textuais ou visuais – é a era da televisão), seja a literatura científica. Muitos gostam de falar do papel da polícia na supressão do anarquismo. Sim, ele foi fundamental, não somente no combate ao anarquismo, mas em relação a todas as manifestações das camadas populares (negros, indígenas, pobres urbanos). Falar mal da polícia não é tão difícil, afinal é muito fácil se insurgir contra o carrasco. Mas muitos se esquecem que a polícia trabalhava para o mesmo Mecenas que os artistas e cientistas. E estes cumpriram um papel não menor no combate ao anarquismo. É sobre isso que falaremos. Como a narrativa, o discurso – materializado em romances, novelas, e teses científicas - pode ser parte de uma “máquina de guerra” burguesa, que opera com total autonomia tática, e por isso mesmo, pode fazer parecer que não é uma arma.

Este texto visa assim ser uma modesta contribuição àqueles que querem conhecer o anarquismo, que precisam ter idéia de que o discurso também é um campo onde se trava a luta de classes. Por isso, o uso que se faz hoje da memória e da narrativa pode ser tão repressivo quanto o foram em seu contexto, às polícias políticas e os serviços secretos, empregados para liquidar os militantes anarquistas.

Os conceitos antagônicos e a luta de classificações... as razões políticas de uma crítica teórica

Anarquismo. É uma palavra que carrega em si seu significado? No nosso entendimento não. Como qualquer palavra, ela adquire significado no uso social, através do emprego que delas fazem os seres humanos, enquanto sujeitos históricos. Nunca é demais lembrar determinados fatos, pois às vezes o óbvio não é senão uma cortina de fumaça que dificulta a visualização de imagens complexas. O anarquismo, enquanto conceito, teve pelo menos duas grandes definições. A definição burguesa, criada

nas cortes e centros empresariais, assim como no coração do Estado. E outra definição, criada no seio do proletariado e das camadas populares, que equivalia a uma identidade social que articulava idéias, valores e práticas, ou seja, uma ideologia. Pierre-Joseph Proudhon, foi quem primeiro reivindicou para si o uso da designação “anarquista” de forma positivada. Inverteu assim a tradição burguesa e aristocrática que empregava o termo com a conotação de desordem e caos, normalmente aplicadas para (des)qualificar os distúrbios sociais. O mesmo não se faz hoje? Sim.

Assim, o anarquismo enquanto ideologia de movimentos populares, enquanto fenômeno histórico nasce de uma luta no plano do discurso, como questionamento do discurso burguês e aristocrático, como sua negação. Esta luta permaneceria, só que iria adquirir outros contornos.

No final do século XIX, uma onda repressiva assolava a Europa, e os anarquistas, como estavam na linha de frente dos movimentos das classes trabalhadoras, foram alvo de campanhas militares e ideológicas. A crise do movimento operário, em um contexto de assassinatos e massacres, levou a respostas de militantes anarquistas que respondiam com bombas e liquidação física de burgueses. Os casos mais conhecidos são Emily Henry e Ravachol.

Mas ao mesmo tempo houve um fenômeno paralelo a este e que acabaria por influenciar os acontecimentos: uma tentativa burguesa de se “reapropriar” do conceito de anarquismo, que tinha passado para as mãos das classes trabalhadoras e populares. Este fenômeno aconteceu de duas maneiras: no campo das artes e da literatura, aonde se fazia a apologia dos “atos violentos individuais” dos anarquistas, nos romances e novelas. Luigi Fabri, no seu livro “Influencias Burguesas sobre o Anarquismo”, fala de como escritores e artistas burgueses, que no plano político eram na maioria das vezes reacionários e nacionalistas, enalteciam nas suas novelas e romances o anarquismo, ou melhor, o conceito burguês de anarquismo, identificando este com o ato “heróico individual”. Um exemplo disso é a novela de Emile Zola, *Germinal*, depois transformada em filme, onde o personagem do “dinamiteiro” é descrito com sutil simpatia, sendo o estereótipo do “anarquista” na visão romântica da burguesia do século XIX. Enquanto isso Malatesta, e os remanescentes da Aliança (organização revolucionária anarquista) e da Internacional se espalhavam pelo mundo, ajudando na construção de diversas Centrais Sindicais no final do século XIX e início do século XX. No conceito burguês, a exaltação do indivíduo; no conceito popular e proletário, a ênfase é sobre o sujeito

coletivo (o operário, o camponês, por exemplo). Este, não seria sequer reconhecido pela literatura.

Os artistas e escritores produziam um discurso romântico apologético do anarquismo, mas não do conceito proletário popular, mas sim do conceito burguês, que reduzia anarquismo a violência. Simultaneamente, os jornais de grande circulação da época também produziam um discurso sobre o anarquismo, só que identificando anarquismo e criminalidade. Assim, qualquer ato de roubo, assassinato ou delinquência era atribuído a anarquistas.

O que é interessante é que este discurso acabou tendo efeito sobre muitos indivíduos, que começaram a identificar o anarquismo com o conceito burguês, e logo se produziu uma tensão dentro do movimento anarquista. Criminosos começaram a se dizer anarquistas, e burgueses jovens começaram a procurar os anarquistas para poderem praticar “atos heróicos individuais”, e alguns indivíduos que participavam das fileiras anarquistas começaram a ser atraídos para tal campo.

Mas o que Fabri mostra é que apesar desse efeito social, os indivíduos que por esse conceito enveredavam, logo deixavam o anarquismo para ser atraídos para as fileiras da burguesia, do nacionalismo ou mesmo da mera criminalidade. A ofensiva discursiva produziu efeitos sobre o movimento anarquista, sobre as pessoas concretas que no seu meio circulavam, mas o conceito popular e proletário se manteve diferenciado e intacto, e vivo, pois o sindicalismo revolucionário e a militância das organizações anarquistas permaneceria uma constante. Ainda no final do século XIX, ganhando força na Europa, Ásia e Américas. A luta discursiva da burguesia contra o anarquismo conseguiu atingir o movimento anarquista de sua época, debilitando-o do ponto de vista da composição, mas não abalou seus alicerces ideológicos.

O que dissemos pode ser mais fácil de ser visualizado se consideramos a nossa própria história recente. Nos romances de Rubem Fonseca e Nelson Rodrigues há vários personagens “comunistas”, descritos quase sempre de maneira ambígua, exaltando suas qualidades morais e desqualificando sua proposta política. Isso fazia de R. Fonseca e N. Rodrigues comunistas? Não, é sabido que ambos eram reacionários ... Hoje, qualquer ato de “violência” no campo é atribuído aos “sem-terra” pela mídia burguesa. Ser sem-terra é quase a mesma coisa que ser bandido. Mas não é difícil aceitar que uma coisa é fazer parte do movimento social, outra é ser

primitivos), nos seus movimentos de liberação política fizeram a crítica da ciência, nós no nosso permanente movimento de liberação social não poderíamos deixar de fazer o mesmo.

Para nós não é uma questão de verdade, de dizer quem é e quem não é anarquista, mas sim de explicitar as relações políticas e posições teóricas. E ao fazer isso ficará claro que a luta de conceitos, assim como a luta de classes, permanece. A nossa posição e conceito de anarquismo, o que faz de nós anarquistas, estão explícitas. Isto também faz, do anarquismo, anarquismo. É no espírito de contribuir para o debate público que este texto foi formulado. Esperamos que ele possa ajudar, mesmo que de maneira modesta, aqueles que querem conhecer o anarquismo. Os demais, que se posicionem também.

Nenhum passo atrás!

Anarquismo é Luta!

Notas

1. Um exemplo desse autoritarismo intelectual, é a forma de classificação que faz George Woodcock no livro “Os Grandes Escritos Anarquistas”. Ele situa Henry D. Thoreau e Max Stiner como anarquistas, e mais ainda, como os “mais verdadeiros anarquistas”, por considerar que a “defesa do indivíduo” é o que caracteriza o anarquismo. Não importa que Thoreau e Stiner nunca tenham se chamado anarquistas, e o que é mais importante, nunca tenham se inserido nos espaços sociais populares no qual o anarquismo se materializava. Não importa o que pensavam e faziam eles, e os anarquistas, sujeitos do seu próprio tempo histórico. Importa o que o cientista/narrador, com o poder da caneta hoje, pensa e faz, e aí ele classifica ao seu bel prazer. Bom, esta abordagem corresponde ao que existe de mais retrógrado na historiografia, sendo desmontada nos estudos sobre escravidão, relações de gênero, movimento operário, etnicidade e situação colonial. Porque não deveria ser feito o mesmo em relação à história do anarquismo?

e Domingos Passos e toda a história proletária que eles encarnam. Esses sim são anarquistas.

Lutar contra a autoridade do discurso burguês é uma das formas da luta de classes. O mesmo acontece quando lutamos contra a propriedade privada; os burgueses reclamam da “liberdade e do direito de propriedade”, que os anarquistas nunca respeitaram e nunca irão respeitar. Sempre quiseram suprimir. E é isso que faz do anarquismo, anarquismo. É bom não esquecer: “Socialismo sem liberdade é escravidão e brutalidade, Liberdade sem Socialismo é privilégio, injustiça”. Dizia Bakunin. Isso faz do anarquismo, anarquismo.

Além do mais, basta escrever uma história do anarquismo, ou consultar os textos de Malatesta, Kropotkin, Makhno e Bakunin, e os jornais operários, para vermos que eles sempre marcaram uma fronteira que separasse o conceito burguês do conceito proletário de anarquismo. Por mais que discordassem entre si sobre pontos diversos (Bakunin fez críticas de Proudhon, Malatesta fez de Kropotkin, Makhno de Malatesta, o que confere uma diversidade ampla ao pensamento anarquista), todos sempre criticaram os “individualistas”, e recusavam reconhecê-los enquanto anarquistas. E não reconheciam. Basta ir ler seus escritos. Obviamente, os individualistas consideravam por sua vez, Bakunin e Malatesta, por exemplo, “falsos anarquistas”, e por isso um deles deu um tiro em Malatesta, na sua visita aos EUA. Isto é que é respeito à “liberdade individual” e de pensamento. Ou seja, não houve “síntese” do conceito popular com o conceito burguês de anarquismo, mas sim luta.

Adotar uma tal metodologia, apesar de ser em si uma posição política, não faz da pessoa que a toma anarquista. Assim como o relativismo da sociologia de Weber, que permitiu compreender a ação sob a ótica de quem a empreendia, não fez dele um revolucionário. Sempre foi um liberal moderado. Mas sua abordagem teórica não deixa de ser útil por causa disso.

Deveria ser óbvio que estudar o anarquismo não faz de alguém anarquista, assim como estudar borboletas não faz do botânico uma borboleta (apesar de muitos, devido a sua “autoridade científica”, quererem falar em nome das borboletas). Infelizmente para alguns, e felizmente para nós, o mesmo não é possível em relação ao anarquismo, porque os anarquistas, diferentemente das borboletas – pelo menos as borboletas que sabemos que existem – são capazes de falar por si. E assim como as minorias étnicas e os povos colonizados (alguns gostariam de chamá-los ainda de

bandido. Através da mídia fala a UDR, assim como através dos romances do século XIX falavam a burguesia e a corte.

Aqui estão as razões políticas para uma crítica teórica. A luta em torno da categoria “anarquismo” sempre foi encarniçada; a burguesia a definia pejorativamente como crime, ou romanticamente como um ato heróico violento, individual. O proletariado e o povo, e as organizações que elas criaram, definiam o anarquismo como uma ideologia de luta, socialista (anti-capitalista) e revolucionária libertária (anti-estatal). E por trás da luta discursiva, estão milhares de mortos, o sangue generoso de camponeses, operários, homens e mulheres, jovens e idosos, que viam no anarquismo a forma de mudar sua vida para melhor. Isso tem de ser lembrado, e por nós é reverenciado. A repressão da polícia se combinava com a repressão discursiva, da literatura dos romances e jornais, muito mais sutil e ambígua, mas não menos destrutiva.

Recusando o autoritarismo intelectual... ou os fundamentos teóricos de uma crítica política

O anarquismo pode ser conhecido de diversas maneiras, seja através dos indivíduos e grupos que atribuem a si mesmo a designação de anarquistas, seja através do estudo da história, ou seja do discurso, materializado principalmente em jornais, livros e imagens de vídeo e/ou fotos. Como vimos, existiu uma luta discursiva em torno da definição do que era anarquismo. Existe então pelo menos dois conceitos de anarquismo. Logo, os indivíduos que atribuem a si mesmo a designação de anarquista, podem estar reivindicando ou o conceito burguês, ou o conceito proletário e popular. Assim como, as fontes que se utiliza para a escrever a história, podem estar expressando o conceito burguês ou o popular. E aqui podemos colocar fundamentos teóricos para nossa crítica política.

Todos sabem, ou deveriam saber, que a ciência, assim como a literatura, não é algo neutro em relação ao poder e a dinâmica social. Podemos dizer que a ciência é uma forma de poder, que sempre acompanhou a conquista e a violência (o racismo científico é a expressão mais bizarra deste fato). Sendo assim, as modalidades de discurso científico que hoje falam sobre o anarquismo, podem ser também formas de repressão ao anarquismo, dependendo da abordagem teórica que empreguem.

Autoritarismo intelectual, de certa maneira, quando se fala de ciência, esta expressão é quase redundante. A maior parte das vertentes modernas das ciências humanas (estruturalismo, funcionalismo, pós-modernismo e etc.) normalmente combinam a arrogância intelectual com um apoliti-

cismo grosseiro, materializado na visão estática e totalizadora da história e da sociedade, quase sempre considerada como expressão de forças supra-humanas (a cultura, as forças produtivas, a consciência coletiva ou a psique individual). De comum, a supressão do conflito. A desconsideração da “polifonia” (não é este termo que hoje se gosta de empregar?), e do caráter dissonante das vozes e de suas relações.

Nas universidades brasileiras, o predomínio do marxismo mais mecanicista (do estilo Nelson Werneck Sodré) tendeu a se apropriar do conceito burguês de anarquismo (como o marxismo sempre fez, com raras exceções) ou então o introduzindo num esquema evolucionista da história, ao lado dos camponeses, indígenas e negros, numa suposta fase “pré-política”. Hoje isso pode parecer piada, já que ao olharmos a biografia de Sodré, sabemos que ele foi militar de alta patente, que não viu problema em trabalhar dentro do DIP (departamento de imprensa e propaganda) de Getúlio Vargas, expressando o que tinha de mais atrasado em termos de formulação teórica, mesmo para sua época. Assim, no caso do Brasil, ainda aparece o conceito marxista de anarquismo, tomado diretamente da literatura burguesa, plenamente enraizado nas instituições acadêmicas.

Consideramos que do ponto de vista teórico, não se pode ocultar este conflito, as múltiplas posições dos “autores” que falam sobre anarquismo, e sua inserção no cenário político e social. Isto será determinante na própria construção discursiva do anarquismo, seja materializado este discurso num romance ou numa tese acadêmica (ou em comentários feitos dentro delas). Quando se fala de anarquismo, se fala de uma luta, entre burguesia e camadas populares, pela definição de um conceito no plano do discurso.

Teoricamente, uma metodologia que desconsidere esta multiplicidade de vozes em nome de uma “unidade” do anarquismo tende, na melhor das hipóteses, para a falsificação, na pior, para a campanha difamatória, na intermediária, para tentar conciliar todos os conceitos, como se mantivessem uma relação de continuidade, uma “unidade intrínseca”.

Pode ser encontrado um paralelo desta postura teórica no cientificismo colonialista europeu, que para manter a unidade do que entendiam ser uma nação (eles viam uma imagem degenerada de si mesmos em tudo que era diferente deles), que reunia diferentes etnias africanas num mesmo Estado e território, afinal eram todos “negros”. Ou seja, o autoritarismo que se esconde atrás deste discurso bondoso da “unidade” é muito grande, pois usa traços muito superficiais que ele mesmo determina para classificar os

sujeitos concretos e desconsidera/suprime os discursos e interesses destes últimos (etnias no conflito colonial, anarquistas no conflito social), e como o botânico que “classifica borboletas”, quer reunir coisas que são muito diferentes (porque assim se concebem e fazem no plano da prática social [1]), em torno da categoria genérica que ele mesmo construiu em seu laboratório. É o poder do cientista suprimindo as vozes dissonantes da sociedade em uma unidade. É uma das formas mais sutis do anti-anarquismo, que se concretiza neste tipo de abordagem teórica e metodológica.

Porque não conciliar? ... ou o que faz do anarquismo, anarquismo

A resposta para esta pergunta é simples. Primeiro, por uma questão política. Para nós anarquismo é luta e organização, uma ideologia popular e proletária. Segundo, por uma questão teórica; se hoje toda as ciências humanas caminham para uma reflexão crítica sobre o seu papel nas relações de dominação, não se pode aceitar que alguém que estude ou se identifique no anarquismo fique usando o conceito no sentido genérico. É preciso que cada um deixe claro seu posicionamento frente aos diferentes conceitos de anarquismo, e ao fazer isso, estará marcando uma posição. Não se pode desconsiderar este fato, acreditando que o anarquismo de “A Plebe” é o mesmo que o das páginas dos jornais burgueses do início do século, ou que José Oiticica pode ser colocado ao lado de Roberto Freire, empresário da Somaterapia, porque tudo seria “anarquismo”.

O conceito de anarquismo de José Oiticica está materializado nas páginas do jornal “Ação Direta”, que foi redigido até sua morte, nos anos cinquentas. O “anarquismo” reivindicado por Roberto Freire é o do conceito burguês e marxista, basta ver a trajetória de Freire. Ele rompe com a Ação Popular (grupo católico com influência leninista) reivindicando o anarquismo, mas não o conceito proletário e popular, mas sim o conceito caricatural usado pelo PCB da época, que nada tinha a ver com a história do anarquismo brasileiro. Aí surge uma grande falsificação histórica. Posicionado nos lugares de “autoridade” e visibilidade propiciados pela sua psicanálise, Freire constrói um discurso burguês do anarquismo que vai ser comercializado como “o anarquismo”.

Mas a figura de Freire é grotesca. Como anarquista ele é um ótimo psicanalista, e como psicanalista é um péssimo anarquista (ou excelente empresário). Para nós é apenas um burguês. Criticar e evidenciar isso é suprimir a “liberdade”? Não. É realiza-la. Pois quem está suprimido no discurso burguês é a polifonia, as vozes de Edgar Leunroth, José Oiticica